



PULSAÇÕES E  
DESDOBRAMENTOS

---

VOZES FEMININAS



# PULSAÇÕES E DESDOBRAMENTOS

## VOZES FEMININAS

MARISTELA SALVATORI E DANIELA KERN  
ORGANIZADORAS

PORTO ALEGRE  
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL Reitor Rui Vicente Oppermann  
Pró-Reitora de Extensão Sandra de Deus  
Pró-Reitor de Pesquisa Rafael Roesler  
INSTITUTO DE ARTES  
Diretor Raimundo José Barros Cruz  
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS  
Chefe Marina Polidoro  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS  
Coordenador Paulo Silveira

Projeto gráfico Samuel Isatto  
Fotografias capa Maciel Goelzer, dobras Caroline Veilson

Impressão Gráfica da UFRGS

© dos autores – 1ª edição 2020



# Uma pele toda sua, Quatro Estações nuas

por Joana Bosak

Helena Kanaan (Bagé, 1961) faz jus ao seu lugar de origem. Nascida em um dos berços da arte no Rio Grande do Sul, salta da gravura em múltiplas apropriações e faz de suas peles, artificiais, sintéticas e a um tempo altamente orgânicas, uma casa; um teto-templo todo seu.

O trabalho em gravura, lindamente apresentado por Mônica Zielinsky (2018), em *Da matéria aos fluxos da natureza, dos tempos e da vida*, já nos fala das intermitências da vida - e da morte -, das camadas temporais que recobrem o fazer da artista, com a coexistência e a sobreposição de procedimentos que partem do fazer litográfico; dos rasgos e dos desvios, todos presentes em sua trajetória, construída desde os anos 1980.

Das matrizes elementares, expandido-se pela criação de novas superfícies fluidas e transparentes, opacas e luminosas, quando penduradas contra a luz, em um cabide de açougue; chega a corpos destituídos já de energia vital, porém repletos de potências que ultrapassam o presente e o passado, fazendo refletir sobre um futuro da matéria, como bem pontua a crítica de arte.

Simulando vestes que não vestem corpos - *Ritidoma*, de 2018, é sobre isso -, apenas os simulam, Helena Kanaan reflete sobre a matéria e seus testemunhos, suas permanências e projeções. A matéria-pele com a qual a artista conversa, desnuda-se, habita, reconstrói corpos que não estão. Evocando as camadas de sentidos provocadas por Gilles Deleuze, Helena sai da pedra, motivo pelo qual chega à UFRGS, em 2014 - depois de ter estado à frente de diversos projetos na área da gravura na Universidade Federal de Pelotas, entre 1991 e 2013 - ,

para ir percorrendo uma vereda própria, apoiada em visões de corpos simulados, construídos em látex.

Esses não-vestidos, tais como corpos híbridos, acabam por converter-se em vestidos/corpos de artistas, já que portam todo o sinal de um corpo que ausente nesse invólucro, acaba por simulá-lo. Da litografia à performance, são múltiplas as peles que Helena tece para habitar o mundo.

## *Policorpos, polipeles e a finitude*

Os espaços por onde transita Helena Kanaan são orgânicos e também sintéticos; oriundos da indústria da química com origem na natureza dos seringais, bem como decorrentes dos milhões de anos que pedras calcárias levaram para se formar.

Vinda de Pelotas para despertar pedras litográficas históricas adormecidas, Helena oscilou entre o trabalho arqueológico da construção de uma nova fase para o ateliê de gravura do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, assim como manteve viva sua experiência têxtil e tátil com o látex maleável.

Da dureza da pedra, trabalhada já na repulsa entre água e óleo; tornada mole na relação levada pela mão da artista; à origem da borracha, vinda da seiva da floresta, Helena oscila entre escolhas híbridas e múltiplas margens por onde deambula em suas andanças teóricas que confluem para o fazer poético.

No fazer desses policorpos que recobrem tanto a pedra quanto a pele sintética emulando a humana, há

uma potência poética articulada pelos deslizamentos dos muitos sentidos por ela revelados e conferidos. Todo o fazer manual, sempre disposto pelo contato com a matéria, pressupõe uma relação que remonta à arte como trabalho humano do artesão, entre carne e pedra; acoplado ao cerebral, fazendo ecoar no caminho e no resultado as escolhas por uma arte que se pensa, que se retoma, que se historia, lembrando das origens de Dürer a Senefelder.

O fazer poético se coaduna com a vontade; vontade curiosa de frequentar o passado e o futuro: saindo das matrizes pré-históricas, desde momentos fundacionais e chegando à articulação espaço-temporal da curva em que o fazer têxtil-tátil se encontra com perguntas vindas através de outros campos, como o da moda, por exemplo.

Frequentando uma edição do III Congresso Internacional de Moda e Design (CIMODE), na Facultad de Arquitectura y Diseño (FADU), da UBA, em Buenos Aires (2016), Helena Kanaan trouxe novo fôlego ao grupo de discussão em torno dos processos de subjetivação. Suas vestes sem corpos apresentadas sucedaneamente como trabalho artístico e teórico-crítico possibilitou ao público ali presente uma volta ao fazer manual dos artífices renascentistas que retomava o mote das discussões todas sobre esses projetos. Processos de subjetivação oriundos de onde? Do quê? Do pensar sobre corpos que se recobrem de peles humanamente construídas: a segunda pele de Hundertwasser, casa do corpo.

Sem segundas peles não estaríamos ali, inicialmente discutindo moda, posteriormente todos os outros processos materiais, cognitivos e epistemológicos - mentais, portanto - que pressupõem a existência de sujeitos, seus corpos e as múltiplas peles com as quais decidiram se cobrir, justamente para tornarem-se humanos mais identificados com aquilo que buscam ser.

Vestes sem corpos, por outro lado,

proporcionavam aos ouvintes ali presentes um processo quase inverso: e se as vestes vêm sem esse corpo, sem esse sujeito, o que se subjetiva? O que as subjetiva?

Fruto da interiorização do conceito inicial de que vestes cobrem corpos, sua ausência descobre sujeitos que não se veem mais como mero corpo natural. O processo do vestir, construído pela humanidade desde que os primeiros exemplares dessa espécie decidiram se cobrir, exige sempre uma reflexão sobre o corpo como suporte. Se esse não está, o que resta?

Apenas a ideia de um corpo que ali deveria (?) estar. Se não está é porque foi usurpado, violado, conscientemente retirado?

Por que vestes sem corpos? Para que servem, já que a moda-roupa seria essa pele a um tempo útil - para nos proteger - e inútil, tal como a arte - para nos enfeitar? Devemos imaginar esses corpos?

Talvez só essa reflexão por si permita-nos chegar àquilo que Acom (et al) teoriza como "o Ser da Moda", o que deveria realmente significar a existência desse campo entrelaçado do saber, pois se o corpo ali não está, aí sim é que se percebe ainda mais a potência da veste e de toda a reflexão que ela propicia, para além de seu suporte óbvio.

Polimorfa, essa ideia nos incita a ir à fronteira, a refletir sobre o ser, o conhecer, o fazer, o parecer.

Objeto de terceiras margens entre o sujeito pensante e suas possibilidades, as vestes sem corpos se referem à nossa mortalidade através de uma linha de pensamento que rompe com o corpo presente. Se ele não mais está é porque algum dia já esteve. Se não está mais é porque pereceu - ao contrário da obra, que permanece - ou não é mais necessário, paradoxalmente à obra, que ali está para narrá-lo.

Ao contrário da pedra, que por si mesma não dependeria da mão humana para existir, a veste sem corpo

de látex necessita da mão, do trabalho humano para existir e ter sentido. Completamente impossível sem a presença humana, a veste sem corpo é testemunha da passagem da artista pelo mundo, assim como as pedras por ela manipuladas.

Mas se as pedras são testemunhos, as vestes, além disso, narram. Criaturas artísticas, vestes de látex se apresentam como fragmentos de corpos intencionalmente construídos que nos contam dessa ficção inventada.

As pedras, mudas, assistem ao gritos que esses vestidos pendurados como pedaços de carne num açougue nos evocam sobre nossa fragilidade: da impossibilidade de transcendência que não na arte.

Unindo as pontas do eterno com o passageiro, a obra de Helena Kanaan nos lembra assertivas de Peter Stallybrass, de que vestes são a prova de nossa mortalidade: somos nós que passamos. As pedras, por sua vez eternas, aí já estavam e seguirão, para ridicularizar nosso corpo que um dia não estará.

#### *Quatro estações*

O ensaio visual aqui apresentado é composto por uma série de vulvas em látex com material orgânico aplicado e intitula-se *Quatro Estações*, evocando o ciclo da vida como ciclo do corpo - com atenção particular ao corpo feminino em seu aspecto biológico mais fundamental, segundo a artista, com “suas asperezas e delicadezas”, existentes na simultaneidade, exibidas como símbolos dos diferentes momentos do tempo.

Pensando na trajetória anteriormente explorada, a dos vestíveis, Helena nos entrega uma coleção de “lingeries” orgânicas, que, partindo da base em látex, apropriam-se das formas e interiores e exteriores da genitália feminina. A passagem do tempo, dos ciclos de morte e de vida, florescimento e ressecamento, são

apresentadas com seus frutos de todas as ordens, tais como espinhos, pequenos ramos de flores secas, flores frescas e intumescidas; pimentas rosa com uma língua carmim que se deixa escapar por entre os grãos, esses pequenos óvulos cheios de vida.

Quatro apropriações de “corpos botânicos”, que exploram a fluidez da pele sintética anteriormente referida com a dureza formal e estética de alguns de seus complementos.

Espinhos, pimentas, flores e ramos secos: as vulvas radicais de Helena Kanaan podem ser pontudas, repulsivas, mortíferas; ou abertas em esferas de flor vermelha incandescente, convidativas e macias. Tufos de flores secas que nos lembram pêlos vegetais, compondo uma paisagem naturalista; mais além da versão com pimentas já referida ainda emana a genitália feminina fecunda, granulosa e rósea; apresenta coloridos quentes e lança uma língua-lábio que chega ao espectador como um convite - ou como lembrança do sangue que se derrama todos os meses, mais uma vez marcando o tempo, falando do ciclo.

Mais vivas que as vestes sem corpos, essas vulvas apresentam-se como corpos viventes e pulsantes, na riqueza de suas particularidades, conversando com o que há de mais íntimo e legítimo e que se impõe ao mundo; justamente num momento em que o corpo feminino que grita por sua própria autoridade ainda é questionado por reações político-religiosas conservadoras. A legitimidade do que é parte de uma exploração para além da autonomia que ainda buscamos em nossas identidades plurais, radicais, libertas, polimorfos, táteis. Vivas.

## Referências

ACOM, Ana Carolina Cruz; BOSAK, Joana; MORAES, Denise. *Uma investigação sobre o Ser da Moda: a filosofia das roupas em Thomas Carlyle*. São Paulo: Revista [d] Obras, vol. 12, n. 25, 2019. Disponível em : <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/860>. Acesso em: 10 de Nov. 2019.

DELEUZE, Gilles. *A dobra. Leibniz e o Barroco*. São Paulo: Papyrus, 2007.

HELENA Kanaan. In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa255452/helena-kanaan>. Acesso em: 10 de Nov. 2019. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

KANAAN, Helena. *Impressões, acúmulos e rasgos. Procedimentos litográficos e seus desvios*. Porto Alegre, 2011. Tese de Doutorado em Poéticas Visuais - PPGAV-UFRGS.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx - roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ZIELINSKY, Mônica. *Helena Kanaan. Da matéria aos fluxos da natureza, dos tempos e da vida*. Texto para o site do Goethe Institut, Porto Alegre, 2018.